



PROGRAMA

INTRODUÇÃO

Embora tenhamos candidatos residentes em 8 concelhos diferentes, somos maioritariamente do concelho de Paredes.

Propomos fazer no distrito o que já fizemos no nosso concelho. Em pouco mais de três anos, a partir do nada, construímos uma Concelhia com 112 aderentes inscritos. Já somos a 2ª Concelhia do distrito em número de aderentes por número de habitantes e **brevemente seremos a primeira do país.**

Aprendemos muito com a direção distrital atual e com a anterior. Na dúvida, sempre que precisávamos de fazer algo bem feito só tínhamos de nos preocupar em fazer o contrário do que eles fazem. Somos, pois, o **contrário do avesso.**

Se a anunciada aliança entre as duas principais tendências ganhar as eleições distritais, continuaremos a ter mais do mesmo: uma Coordenadora Distrital que não coordena nada; com membros que faltam sistematicamente às reuniões; com reuniões infundáveis em que não se tomam decisões; com um programa em que $\frac{3}{4}$ do texto é constituído por palavras redondas e inócuas e $\frac{1}{4}$ é constituído por promessas que foram pensadas para não serem cumpridas; com uma ação política paralisada, porque metade não quer que seja cumprida e a outra metade não se importa, porque o que interessa é «pacificar» o Bloco, de preferência distribuindo cargos e empregos.

Somos o contrário do avesso porque, ao contrário deles, valorizamos a democracia interna, temos uma estrutura forte, não pertencemos a tendências e estamos muito mais ligados ao povo.

A 23 de abril de 2016 abrimos uma sede concelhia em Paredes. Fomos então «proibidos» de falar nas eleições autárquicas e disseram-nos que o assunto só poderia ser abordado depois da X Convenção. As razões ocultas desta arbitrariedade é que a Tendência Esquerda Alternativa estava a negociar com a Plataforma Unitária uma aliança e os primeiros puseram como única condição que o Bloco não fizesse acordos com o PS nas próximas eleições autárquicas. O que significa que **os «alternativos» estão tão à esquerda, mas tão à esquerda, que estão disponíveis para fazer um frete ao PSD**, designadamente no concelho de Paredes, em que o PS e o PSD ficaram separados por 53 votos e em que nós podemos ser determinantes para que haja uma câmara à esquerda ou uma câmara PSD.

Esperemos que o bom senso prevaleça e que a santa aliança abra uma exceção à regra antidemocrática que eles inventaram antes da Convenção.

Quem nos conhece sabe muito bem que nós não estamos disponíveis para aceitar como factos consumados as regras impostas por uma façção interna, ao arrepio do bom senso e das mais elementares regras democráticas.

O nosso nascimento e crescimento nunca foram apoiados pelas estruturas dirigentes. Pelo contrário, estas fizeram tudo para contrariar e obstaculizar o nosso trabalho político. As dificuldades não nos mataram, mas tornaram-nos mais fortes. A nossa candidatura pretende expor e partilhar as razões da nossa força:

- mais democracia,

- mais organização,
- mais trabalho e autárquico
- mais ligação ao povo,
- mais Bloco e menos tendências.

1. MAIS DEMOCRACIA

Democratizar o funcionamento das estruturas do BE, tendo como método de trabalho a **direção coletiva**.

Temos de ser capazes de aceitar as **decisões coletivas**, mesmo que não estejamos de acordo com elas. Aqueles que se afastaram do BE porque não conseguiram fazer passar as suas propostas revelaram falta de sentido democrático. É fácil ser-se democrata quando vencemos, mas é na derrota que pomos à prova o nosso espírito democrático.

Não podemos tolerar graves desvios democráticos, como a fraude eleitoral comprovadamente praticada em Matosinhos e que foi abafada.

Se não houver democracia no nosso funcionamento interno só estaremos a contribuir para afastar muitos camaradas, que não são capazes de suportar atitudes golpistas prepotentes e antidemocráticas.

A **Assembleia Distrital** deverá assumir as decisões estratégicas distritais e deve reunir quatro vezes por ano e não apenas uma em dois anos, como aconteceu no mandato cessante, em atropelo gritante às normas estatutárias e democráticas.

O **Secretariado** é um órgão executivo, para pôr em prática as decisões da Assembleias e da Coordenadora Distrital, ao contrário do que se tem verificado, em que as decisões começam e acabam no Secretariado, em flagrante desrespeito aos Estatutos e ao regulamento distrital.

2. MAIS ORGANIZAÇÃO

O Bloco de Esquerda precisa de se organizar muito mais e melhor para cumprir o papel que lhe é devido. É inaceitável que 17 anos após a fundação do BE não existam estruturas a funcionar em 4 concelhos do distrito e que os aderentes desses concelhos tenham sido deliberadamente abandonados pela direção à sua sorte. É indesculpável que passado este tempo todo muito pouco se tenha avançado em termos de criação de Núcleos nas muitas centenas de localidades do distrito, para já não falar nos Núcleos de empresa que continuam a ser uma miragem.

Para ultrapassar esta situação lastimável, propomos:

- 2.1. Criação da **Comissão Coordenadora Interconcelhia do Vale do Sousa e Tâmega**, englobando os concelhos de Paredes, Penafiel, Lousada, Paços de Ferreira, Felgueiras, Amarante, Marco de Canaveses e Baião, de modo a que todos os aderentes existentes nestes concelhos fiquem organizados numa estrutura.
- 2.2. Criação da **Comissão Coordenadora Interconcelhia do Litoral**, englobando os concelhos de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Trofa e Santo Tirso.
- 2.3. **Criação de novas Concelhias** em todos os concelhos que atinjam o número mínimo de trinta aderentes.

- 2.4. **Dinamização de atividades políticas** em diferentes localidades, de modo a incentivar a criação de Núcleos locais e de empresa, sem os quais nunca conseguiremos chegar às populações.
- 2.5. Precisamos de realizar menos eventos voltados para dentro e, pelo contrário, privilegiar os **eventos voltados para as comunidades** onde estamos inseridos. Não precisamos de conquistar os que já estão conquistados, como tem sido feito. Precisamos, sim, de chegar àqueles que ainda não ouviram a nossa voz, para assim trazê-los para o nosso lado.
- 2.6. As Comissões Coordenadoras Concelhias e a Distrital devem reunir pelo menos uma vez por mês.
 - 2.6.1. As Concelhias e a Distrital devem estar organizadas em grupos de trabalho de acordo com as prioridades de intervenção que resultarem das Assembleia Distritais ordinárias de aderentes e os seus membros devem constituir-se como coordenadores/dinamizadores desses grupos de trabalho.
 - 2.6.2. Nas reuniões da Comissão Coordenadora deve ser elaborado um plano mensal de trabalho.
 - 2.6.2. Em cada reunião deve ser feito um balanço do trabalho feito no último mês, conferido com o plano anteriormente traçado.
 - 2.6.3. As reuniões das Comissões Coordenadoras Concelhias e Distrital devem ser abertas a todos os aderentes interessados, embora sem estes terem direito a voto.

3. MAIS LIGAÇÃO AO POVO E ÀS SUAS LUTAS

- 3.1. Precisamos de realizar menos eventos voltados para dentro e, pelo contrário, **privilegiar os eventos voltados para as comunidades** onde estamos inseridos. Não precisamos de conquistar os que já estão conquistados, como tem sido feito. Precisamos, sim, de chegar àqueles que ainda não ouviram a nossa voz, que não nos conhecem, aqueles e aquelas que são a nossa opção, por quem nos batemos, “os de baixo” para que, trazendo-os para o nosso lado, possamos construir uma maioria social vencedora.
- 3.2. As estruturas locais do Bloco devem estar atentas a todas as lutas travadas na sua área de intervenção, quer seja nas empresas, nas escolas, centros de saúde, hospitais, nos bairros, nas autarquias, onde quer que o povo esteja a lutar. Deve apoiar completamente essas lutas, sem tentar controlá-las, mas com o objetivo de virmos a ser reconhecidos como a força que faz a diferença na luta social.

Sempre que possível, as estruturas locais, em contacto com a população e cientes dos seus problemas concretos, podem dinamizar, incentivar e organizar lutas que, às vezes, só precisam de um pequeno «empurrão» para se iniciarem.

Se for necessário, as Concelhias devem pedir apoio à Distrital, designadamente aos deputados eleitos pelo distrito.

A maioria das pessoas envolvidas acabará por reconhecer o Bloco como uma entidade em quem podem confiar para os defender.

Finda a luta, as estruturas devem manter sempre um vínculo com o máximo de pessoas que apoiámos anteriormente. Muitos acabarão, naturalmente, por aderir ao Bloco, se forem convidados. E assim consolidamos o nosso prestígio e enraizamento nessas comunidades.

4. MAIS BLOCO, MENOS TENDÊNCIAS

As tendências fazem parte da história do Bloco de Esquerda mas 17 anos depois, será que continuam a fazer sentido?

Continuariam a ser úteis se elas fossem apenas um reflexo do saudável da diversidade e pluralismo de opiniões e de ideologias. Continuariam a ser necessárias se elas fossem a garantia de mais democracia interna, se elas fossem fator de desenvolvimento organizativo, se elas constituíssem uma marca identitária de liberdade à esquerda, se elas não contribuíssem para o recrudescimento do compadrio, do espírito de capela, se elas não implicassem o sequestro do livre pensamento e arbítrio dos seus seguidores.

A prática, que é o único critério da verdade, e o tempo têm demonstrando que as tendências só têm contribuído para contrariar todos esses sinais da sua eventual utilidade e, além disso, só têm servido para a desconfiança, a divisão, a luta grupista, a disputa de lugares, atropelos à democracia e, além disso, provocam o descrédito e a desmotivação.

Os dirigentes da Tendência Esquerda Alternativa usam o Bloco de Esquerda como um instrumento ao serviço da sua estratégia política, que não é coincidente com a do BE. Funcionam como um partido dentro do partido e só ficarão satisfeitos quando tiverem tomado o Bloco e o colocarem ao serviço da sua agenda. Isto acaba por constituir uma dificuldade ao crescimento do BE, pois essa tendência restringe o recrutamento apenas àqueles aderentes que se mostram disponíveis para se juntarem a eles. Nas estruturas que ainda não controlam, não olham a meios para conquistar o poder, chegando mesmo a usar métodos fraudulentos, incompatíveis com uma ideologia de esquerda.

Os dirigentes da Plataforma Unitária, embora reprovem os métodos da outra tendência temem-na e na mesma lógica de domínio das estruturas, vão compactuando com ela, em nome da «pacificação» e da «unidade». Só que a pacificação, muitas vezes, implica fazer vista grossa às prepotências que a outra tendência vai fazendo um pouco por todo o lado. Ou seja, a paz com uns significa a guerra contra a democracia e contra os aderentes sem tendência, que não aceitam submeter-se às arbitrariedades praticadas por ambas as tendências maioritárias. Além disso, a «pacificação» contribui para que as propostas positivas das duas tendências fiquem anuladas reciprocamente, porque neste jogo só importa fazerem marcação uma à outra.

A Plataforma Unitária une-se apenas na defesa dos seus interesses de grupo e de uns quantos «assimilados», negociando com todos os que estejam dispostos a trocar princípios por lugares, preferindo aliar-se a quem tem práticas que diziam antes reprovar.

O que sobra da «pacificação» é apenas um negócio em que os lucros são traduzidos no número de deputados, de funcionários e de cargos divididos entre as duas tendências e os prejuízos são pagos pelo Bloco.

Em suma, o BE tem tudo a ganhar em ver-se livre das tendências, que são a semente e o fruto do oportunismo.

5. MAIS TRABALHO LOCAL E AUTÁRQUICO

As eleições autárquicas, em vez de funcionarem como um estímulo ao desenvolvimento do BE têm servido para expor as nossas fragilidades organizativas.

Como temos pouca expressão local, não conseguimos concorrer na maioria das localidades do país e naquelas em que concorremos temos, em geral, resultados muito fracos, o que tem contribuído para a desmobilização de largos setores do BE.

As eleições autárquicas constituem a próxima batalha eleitoral do Bloco. Devemos, desde já, começar a preparação desse processo.

Todas as Concelhias devem começar, desde já, a definir a sua estratégia autárquica, que deve incluir as seguintes etapas:

- a) Fazer um levantamento das situações anómalas existentes em cada concelho e das propostas que temos para as corrigir.
- b) Participar nas Assembleias Municipais e de Freguesia.
- c) Ouvir os munícipes e entender os seus anseios e carências.
- d) Redigir os programas para a Câmara e para as Assembleias de Freguesia, envolvendo o máximo de pessoas que for possível e ouvindo também instituições da sociedade civil, como corporações de bombeiros, coletividades de cultura e recreio e instituições de solidariedade social.
- e) Usar as redes sociais, para divulgação das nossas propostas e interagir com a população.
- f) Apoiar e incentivar lutas sociais relacionadas com a má gestão autárquica.
- g) Apoiar a colocação de *outdoors* com temática concelhia e não apenas com temática nacional, como tem acontecido.
- h) Escrever artigos de opinião nos jornais locais, com especial foco nas questões de interesse autárquico.
- i) Avançar para a criação de boletins concelhios centrados nas questões autárquicas, principalmente até à realização do ato eleitoral.
- j) Escolher rapidamente os nossos candidatos aos órgãos autárquicos e direção de campanha.
- k) Não começar a fazer este caminho um ano depois de os outros partidos já o terem percorrido.

Sempre que for possível, devemos tentar fazer alianças eleitorais com outras candidaturas, desde que essas alianças sirvam os interesses das populações que queremos servir com dedicação e capacidade de mudança e do Bloco de Esquerda.

Não podemos correr o risco de sermos considerados responsáveis pela eleição de um executivo autárquico de direita por causa do nosso sectarismo.

No dia em que a população de um concelho perceber que a Direita ganhou as eleições autárquicas por nossa causa, nesse dia, é melhor fecharmos as portas e desistirmos de fazer política nesse concelho. Mas isso não será novidade, pois é precisamente aquilo que temos feito, por culpa de uns

e por omissão dos outros. Aí reside a falta de credibilidade e indiferença a que somos votados pelas populações nas eleições autárquicas.

A unidade não deve ser construída a todo o custo, mas sim em torno de um programa que sirva as populações, com exigência de transparência, de exercício democrático e da participação das populações através de processos participativos. Esse programa deve ser desde já construído, para que o mesmo possa ser o guião de eventuais negociações à esquerda.

Além disso, quando nos envolvemos numa eleição autárquica temos de **definir como principal objetivo fortalecer a nossa organização local**. Só quando tivermos uma boa implantação local é que poderemos aspirar a ter bons resultados autárquicos.

Se esta questão ficar bem clara não haverá espaço para desilusões pós-eleitorais, a não ser que falhemos no objetivo de aumentar o número de aderentes. Por outras palavras, nesta como noutras questões, temos de mudar o foco: esqueçamos o eleitoralismo, concentremo-nos na consolidação dos nossos processos organizativos.

6. MAIS SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

Dar mais expressão socialista às nossa propostas, organizando debates e sessões de esclarecimento em torno dos problemas concretos vividos pelo nosso povo, designadamente o emprego, a saúde, a educação, a habitação, os transportes e a água. Através desse esclarecimento precisamos de transmitir a ideia que estes e outros problemas que afetam as pessoas só podem ser resolvidos com um governo de esquerda e com propostas socialistas que sejam exequíveis. Devemos deslocar os debates para próximo das populações mais carenciadas, designadamente nos bairros sociais, para conhecermos de perto as suas necessidades e com elas construirmos propostas de solução/superação dos mesmos.

7. MAIS SEDES

Durante mais de três anos, uma sede em Santo Tirso esteve sempre fechada, mas a Distrital, que deve ser muito rica, pagou sempre as rendas. Outras três abriram muito raramente e muito poucas tiveram uma atividade regular, para além das reuniões. Quase todas foram frequentadas por ativistas do Bloco e muito pouco por simpatizantes e amigos do partido.

Precisamos de dinamizar o funcionamento das sedes, abri-las à comunidade, aos jovens, à cultura, aos debates, ao cinema, à leitura, ao convívio.

9. MAIS JOVENS

Dar mais protagonismo aos jovens, atribuindo-lhes responsabilidades de direção. A juventude é uma força indispensável em qualquer transformação social. Veja-se o papel que ela desempenhou no derrube do regime fascista e durante todo o processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril.

Precisamos de dar uma especial atenção aos eventos para jovens, de forma a atraí-los para a luta social.

10. MAIS BOLETINS CONCELHIOS

Criar boletins concelhios, que possam servir de eco aos problemas de cada concelho, servindo também para dar mais coesão ao trabalho local.

11. MAIS COORDENAÇÃO

Coordenar as atividades de todo o distrito, de modo que os passos positivos dados num determinado concelho possam ser replicados nos outros concelhos:

- + iniciativas,
- + planeamento,
- + trabalho setorial,
- + estratégia,
- + participação dos aderentes,
- + prestação de contas aos aderentes.

12. MAIS COMUNICAÇÃO

Usar de um modo mais eficiente os modernos meios de comunicação, que nos podem permitir chegar mais perto das pessoas que até agora não conseguimos abordar de uma forma pessoal e direta.

CONCLUSÃO:

Só dando passos firmes nestas direções poderemos construir um BE mais forte, mais democrático, com mais capacidade de intervenção na sociedade, mais dinâmico, MAIS BLOCO.



CANDIDATOS

01. A11863 Pedro Ferraz, engenheiro, Paredes
02. A12273 João Santos, cantor/professor de música, Paredes
03. A10384 Mónica Ferreira, administrativa, Paredes
04. A01750 Armando Herculano, engenheiro, Póvoa de Varzim
05. A09572 Américo Campos, marceneiro, Paredes
06. A10160 Joaquina Ferreira, assistente técnica, Paredes
07. A12034 Duarte Graça, estudante, Paredes
08. A12179 Ismael Silva, estudante, Paredes
09. A11125 Rosa Fonseca, desempregada, Paredes
10. A00170 Paulo Teles, professor, Paredes
11. A10951 José Pinto, professor, Paredes
12. A10978 Ana Beatriz Sousa, estudante, Paredes
13. A11040 Jorge Santos, técnico de telecomunicações, Paredes
14. A11105 João Silva, programador de fabrico, Paredes
15. A11928 Preciosa Castro, desempregada, Paredes
16. A10901 Paulo Santos, marceneiro, Paredes
17. A12272 Dirceu Graça, funcionário público, Paredes
18. A10166 Susana Campos, administrativa, Paredes
19. A11247 Débora Campos, estudante, Paredes
20. A10379 Belmiro Sousa, padeiro, Paredes
21. A11118 Albertina Silva, desempregada, Paredes
22. A11930 Alberto Guimarães, desempregado, Paredes
23. A11165 Rosa Ferreira, desempregada, Paredes
24. A11246 Ricardo Soares, comercial, Paredes
25. A11104 Fernanda Rocha, desempregada, Paredes

SUPLENTE

26. A11116 Henrique Morais, marceneiro, Paredes
27. A11926 Lurdes Peixoto, desempregada, Paredes
28. A10900 Rosa Moreira, desempregada, Paredes
29. A10159 Gabriel Campos, técnico de ambulância, Paredes
30. A11163 Rosário Seabra, desempregada, Paredes
31. A10162 Isaque Moreira, marceneiro, Paredes
32. A12180 Isabel Moreira, administrativa, Paredes

MANDATÁRIO: Américo Campos A9572